

Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro¹

Ricardo Azevedo²

O fato de ser escritor e desenhista tem me possibilitado certas experiências curiosas. Volta e meia, sou convidado a visitar escolas para conversar com professores sobre literatura infantil. Nessas ocasiões, recebo, em geral, perguntas sobre os textos: como surgiu a idéia de tal livro; como foi criado tal personagem; porque em certo texto a narrativa obedece determinada ordem e não outra; se tal assunto pertence ou não ao “universo infantil” (aliás, o que seria mesmo esse aparentemente tão nítido “universo infantil”?) e coisas assim. Quando chega o intervalo, na hora do cafezinho, só aí, vêm as perguntas sobre ilustração: que técnica usei em tal livro; por que razão optei por usar duas linguagens visuais em certo trabalho; por que antecipei ou omiti tal cena em tal história; qual o papel adequado para a aquarela e assim por diante.

Deve haver mil motivos originando essa situação, mas dois deles me parecem bastante prováveis: a) as pessoas costumam ter uma formação mais sólida em literatura do que em artes plásticas e b) as pessoas, talvez por isso mesmo, acabam não valorizando muito os desenhos, acham que o texto é mais importante, acham que ilustrações são uma espécie de enfeite e que indagar sobre o assunto não passa de mera curiosidade pessoal.

Se o leitor perguntar a um professor quantos escritores ele conhece, vai ouvir (com um pouco de sorte) uma razoável lista de nomes, antigos e atuais. Se perguntar sobre artistas plásticos a lista vai murchar completamente.

Essa falta de informação sobre imagens – num tempo marcado pela comunicação visual veiculada por meios como televisão, cinema, publicidade, internet etc. –, claro, não contribui para o exame e avaliação de um livro ilustrado. É preciso dizer que se existe uma frondosa,

¹ Publicado em SERRA, Elizabeth D’Angelo org. *30 anos de literatura para crianças e jovens. Algumas leituras*. Campinas, Mercado de Letras 1998. Esse texto foi escrito a partir de uma palestra feita no 11º COLE - Congresso de Leitura do Brasil - UNICAMP - 1997.

² Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador, é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

complexa e colorida árvore formada pelas artes plásticas (pintura, escultura, desenho, gravura, cenografia, fotografia etc.) a ilustração é, sem dúvida, uma de suas ramificações.

Como o assunto é muito amplo, vou tentar colocar algumas questões e adotar certas posições no intuito de, sem querer ser conclusivo, alimentar uma discussão sobre o tema ilustração de livros³.

1) Exposições de grande tradição como a “Bienal de Ilustração de Bratislava” ou a “Exposição da Feira de Bolonha” costumam expor e premiar ilustrações sem mencionar o texto. Observamos lindos desenhos mas não conhecemos os textos que eles ilustram. Como saber, então, se essas ilustrações são boas ou não? Como saber de que forma dialogam, se é que dialogam, com os conteúdos do texto? Como saber se acrescentam, ou não, significado ao texto? Como saber, em que pese serem tecnicamente bem realizadas, se são óbvias ou não? Como saber a forma com que se relacionam com a mancha do texto (o espaço ocupado pelo texto) dentro da página? Como saber como tal e tal situação, fundamental na estrutura do texto, foi resolvida?

Na minha visão, se essas exposições são relevantes no sentido de mostrar originais, apontar novas técnicas e procedimentos com a imagem, são, por outro lado, incapazes de distinguir boas e más ilustrações.

Um desenho simples, feito com poucos traços, sem maiores pretensões técnicas pode, a meu ver, ser infinitamente melhor ilustração do que um desenho rebuscado, construído a partir de uma técnica requintadíssima, mas que em relação ao texto só consegue ser redundante.

Não sou contra, evidentemente, que ilustrações sejam expostas como pinturas. Esquecer, porém, as diferenças essenciais entre esses dois modos de fazer artes plásticas me parece um grave equívoco. Pinturas não têm textos como referência, não foram feitas para serem impressas e nem para ocuparem, antes de qualquer coisa, páginas dentro de um livro.

³ Há outros tipos de ilustração, por exemplo, a publicitária ou a tecno-informativa.

2) Fica difícil falar em ilustração sem lembrar que, necessariamente, um livro ilustrado, ao nível da linguagem⁴ é composto de, pelo menos três sistemas narrativos que se entrelaçam: a) o texto propriamente dito (sua forma, seu estilo, seu tom, suas imagens, seus motivos e temas); b) as ilustrações (seu suporte: desenho? colagem? fotografia? pintura? e também, em cada caso, sua forma, seu estilo e seu tom) ; c) o projeto gráfico (a capa, a diagramação do texto, a disposição das ilustrações, a tipologia escolhida, o formato e o tipo de papel).

Examinando bem, há livros em que esses três sistemas têm autoconsciência e procuram o diálogo e outros em que isso não ocorre.

3) É importante notar que um mesmo texto dado para dez ilustradores terá sempre dez soluções diferentes. Caberá ao editor, e este, a meu ver, no caso do livro para crianças, é um de seus papéis mais importantes, escolher o ilustrador que, com seu trabalho e sua criatividade, possa ampliar o potencial significativo do texto.

4) É impossível negar que todo o texto ilustrado vai, necessariamente, receber interferência de suas ilustrações. A energia, a leitura (ilustrar é interpretar), o imaginário, a linguagem, as cores, o clima, a técnica, as referências icônicas, tudo o que o ilustrador fizer, vai alterar, acrescentar informação e interferir na leitura e no significado do texto.

Mal comparando, é como um pianista acompanhado pelo contrabaixo. Os dois instrumentos, as idéias dos dois músicos, as referências e a cultura musical de cada um, tudo vai entrar na construção do som. Dependendo da música, o solo predominante será de um ou de outro instrumento. Mesmo quando o solo é feito pelo piano tendo por trás o contrabaixo este, de repente, cresce enquanto o piano fica só na base. De repente, parece que ouvimos dois contrabaixos tocando. É o piano imitando o baixo. Outras vezes, o baixo vai para o agudo e finge ser um violão.

⁴ em suma, um sistema de signos com função simbólica e capacidade de formar discursos que transmitem vários tipos de mensagem que, por sua vez, possibilitam a interação entre pessoas.

* Imagine ilustrar, literalmente, ao pé da letra, a “virgem dos lábios

Diálogo parecido costuma acontecer, em graus diferentes, entre o texto e as imagens de um livro.

Um autor ou editor que pretenda publicar um texto sem interferências deve publicá-lo sem ilustrações. O texto, em todo caso, continuará sujeito às influências do formato, do papel, do tipo de letra (um livro sobre computação e outro sobre floricultura exigem, em princípio, tipologias diferentes), da capa, da qualidade de impressão etc.

5) Vamos agora imaginar a seguinte situação: o carro quebra numa noite escura. O leitor acende a luzinha do teto, vasculha o porta-luvas em busca do manual de instruções do veículo. Descobre, faz de conta, que o manual não tem imagens mostrando as partes do painel, o motor, os pneus, nada. Todas as informações vieram exclusivamente por escrito e ainda por cima em corpo 8, ou seja, num tamanho de letra bem miúdo!

Eis um caso em que a linguagem através de imagens ganha força. Uma descrição verbal do painel, por remeter à abstração, é incomparavelmente mais complicada do que um simples desenho esquemático com umas setinhas.

Agora, suponhamos que a companhia telefônica tenha decidido publicar uma lista diferente. Em lugar do convencional texto acompanhado de nomes e endereços, optou-se por colocar a foto do rosto e da casa de cada assinante. Imagine a confusão: – Ué? Fulano não usava barba? Antes ela era tão magrinha! Será que esse careca gordo é ele mesmo? Mas a casa dela não tinha uma árvore na frente?

Além disso, as tais listas ficariam imensas.

Eis um caso em que a linguagem visual, concreta e direta, pode ser bastante inadequada.

Tudo isso importa quando pensamos em ilustração de livros. Como, por exemplo, identificar, dentro de um determinado texto, as situações que, em princípio, não devem ser ilustradas (seja por serem literárias⁵, seja por serem explícitas demais⁶, o ideal é deixar sua

⁵ Imagine ilustrar, literalmente, ao pé da letra, a “virgem dos lábios de mel”!

⁶ Há casos em a ilustração, na tentativa de ser fiel ao texto. pode fixar e empobrecer o potencial significativo do texto. Por vezes, é melhor não desenhar a mulher bonita mas sim apenas suas mãos. O resto fica por conta da imaginação de cada leitor.

construção para a imaginação do leitor), de outras onde as imagens podem e devem crescer com liberdade.

6) Na literatura infantil há textos que prescindem da imagem e outros onde texto e imagem são indissociáveis. O que acontece quando um texto que prescinde de imagem é ilustrado? Seu universo de significação é alterado? Como funciona a parceria da palavra com a imagem na construção da narrativa? Falando de crianças: uma criança de 6 anos, recém alfabetizada, precisa de ilustrações que a ajudem a compreender o texto. Três anos depois, já lendo com fluência, as ilustrações teriam para ela exatamente que função?

A meu ver, fugir da leitura literal e ampliar o universo significativo do texto.

7) Outro aspecto vale a pena ser ressaltado: que tipo de texto, afinal, vai ser ilustrado? A questão é imensa mas pelo menos uma diferenciação bem genérica é possível fazer: a) há textos didáticos, ou seja, criados tendo em vista a motivação utilitária, que pretendem transmitir informações objetivas (impessoais) sobre determinado assunto e necessitam de atualização periódica (novas informações, métodos e teorias surgem ininterruptamente) e b) literários, ou seja, resumindo⁷, textos com motivação estética, que pretendem abordar os assuntos de forma (sempre) subjetiva (pessoal), através da ficção e da linguagem poética e que, além disso, não são passíveis de atualização a não ser ortográfica.

⁷ Naturalmente não pretendo definir o que seja literatura, assunto complexo e cheio de teorias antagônicas, mas sim apenas apontar algumas de suas características mais evidentes.

Dois exemplos de textos nitidamente didáticos:

“AIMORÉS ou AIMBERÉS. Povo indígena extinto que, no séc.XVI, vivia em regiões hoje situadas em Minas Geras, Bahia e Espírito Santo. Os Aimorés usavam botoques e eram mais altos e mais claros que os Tupinambás. Referidos genericamente como Tapuias, supõe-se que falavam língua do tronco Macro-Jê. Bastante aguerridos, não se deixavam seduzir e escravizar. Entraram em muitos conflitos com os colonos e índios a eles aliados.”⁸

Ou então

“É muito grande a diversificação morfológica externa dos caules, sendo facilmente reconhecidos os caules aéreos: haste (cravo), prostrado (abóbora), estolho (morango), volúvel (campânula), colmo (cana), estipe (palmeiras), tronco (mangueira, carvalho)”.⁹

Textos desse tipo apresentam um referencial preciso, objetivo e impessoal. Para ilustrá-los, em princípio, é necessário recorrer a imagens impessoais e unívocas que não dêem margem a outras leituras, apelando, em geral, para a linguagem fotográfica, desenhos comprometidos com o “realismo”, com a documentação, esquemas e referências.

Agora vejamos dois textos literários:

“Fada Sempre-Viva mora numa casa que também é fada: é um casa-fada com janelas encantadas. As janelas abrem-se sobre paisagens que imaginamos. A janela daqui mostra um lugar cheio de borboletas. A janela dali mostra um céu estrelado, com lua, dragão e astronauta. A janela do meio mostra o pensamento. E como o pensamento é coisa de repente, a janela abre para o branco. Quem olhar por ela pensa o que quer.”¹⁰

Ou então

“Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia

⁸ LARROUSSE CULTURAL. Dicionário temático. São Paulo, Nova Cultural, 1995.

⁹ CESAR, SEZAR. Biologia 2. 4ª ed. São Paulo, Atual, 1984, p.20.

¹⁰ ORTHOF, Sylvia. A Fada Sempre-Viva e a Galinha-Fada. São Paulo, FTD, 1994, p.4 e 5.

Entrar nela não
Porque a casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede etc.”¹¹

Textos assim primam pela subjetividade, pela linguagem figurada, pela ambigüidade, pela motivação estética, pelo estranhamento, pela plurissignificação, pela visão poética e particular da realidade. Como desenhar “objetivamente” uma casa que também é fada? Janelas que abrem para paisagens “que imaginamos”? Como demonstrar visualmente que o pensamento “é coisa de repente”? A que referência recorrer, por outro lado, diante de um poema que menciona e descreve uma casa muito engraçada, sem teto, nem parede, nem chão?

Diante do texto literário, construído através da ficção e da linguagem poética, cada um de nós pode ter uma leitura, um sentimento e uma interpretação. Imagine, agora, ilustrá-lo. As imagens, tal como o texto, também sairão, necessariamente creio eu, marcadas pela subjetividade, pela ambigüidade, pela plurissignificação, pelo enfoque poético e pela linguagem metafórica.

Distinguir livros didáticos de livros de literatura pode ser um excelente começo para se pensar em ilustração de livros.

¹¹ MORAES, Vinícius de. A arca de Noé. 7ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981, p.74